



**Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)**

# **Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3**



**Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)**

# **Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3**

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
A772	Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : planejando e edificando espaços / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Arquitetura e Urbanismo. Planejando e Edificando Espaços; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-846-5 DOI 10.22533/at.ed.465191912  1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Projeto arquitetônico. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série.  CDD 711
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O foco da presente edição do livro “Arquitetura e Urbanismo: Planejando e Edificando Espaços 3” ressalta a multiplicidade de enfoques e abordagens relacionadas à arquitetura e ao espaço urbano, disseminando visões e saberes acerca desses conhecimentos.

Em tempos em que a divulgação científica é vital para a continuidade das importantes pesquisas aqui desenvolvidas, a Atena Editora reafirma seu compromisso em ampliar e democratizar o acesso ao conhecimento.

Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados, socializando o acesso a estas importantes pesquisas.

Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MUSEU SENSORIAL DO CERRADO SENSORIAL MUSEUM OF CERRADO	
Fabiane Krolow	
Karina Marcondes Colet	
Paulina Aparecida Damin Soldatelli	
Paula Roberta Ramos Libos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
TEATRO VARIEDADES EM RIO CLARO - SP: RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA ARQUITETÔNICA	
Ícaro Fassoli	
Marcelo Cachioni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>32</b>
AS POTENCIALIDADES PARA ALÉM DO AÇO: O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NAS CIDADES DO INTERIOR DE GOIÁS. UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE SÃO LUIZ DO NORTE/GO	
Richardson Thomas da Silva Moraes	
Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>48</b>
INFORMAR PARA PRESERVAR: A ARQUITETURA MODERNA NO BALNEÁRIO DE CABEÇUDAS	
Giselle Carvalho Leal	
Thayse Fagundes e Braga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>60</b>
ACESSIBILIDADE EM PATRIMÔNIO CULTURAL: ANÁLISE DO CENÁRIO DO CONJUNTO FRANCISCANO EM JOÃO PESSOA-PB, POR PORTADORES DE DEFICIÊNCIA OU MOBILIDADE REDUZIDA	
Deborah Padula Kishimoto	
Raissa Silva Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>72</b>
OS TOMBAMENTOS VIA LEIS MUNICIPAIS, VALIDADE E IMPLICAÇÕES: O CASO DA MANCHA FERROVIÁRIA DE SANTA MARIA- RS	
Cristiane Leticia Oppermann Thies	
Daniel Maurício Viana De Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919126</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>83</b>
O INVENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO E RESGATE DA MEMÓRIA: O CASO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO – CAMPUS SÃO PAULO	
Amanda Regina Celli Lhobrigat Melissa Ramos da Silva Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>96</b>
O POUSO DE TROPAS COLONIAL EM BENTO RODRIGUES: O CASO DOS TRABALHOS DE RESGATE ARQUEOLÓGICO PÓS DESASTRE	
Magno augusto coelho santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919128</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>108</b>
ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA DECORATIVA: A POLICROMIA DO RETÁBULO DO ALTAR-MOR DA IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCOS DA PENITÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS/SC	
Laís Soares Pereira Simon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4651919129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>122</b>
ESTADO ARQUITECTÓNICO DE LA IGLESIA DEL CARMEN DE LA VILLA 25 DE MAYO, MENDOZA – ARGENTINA	
Guadalupe Cuitiño Alfredo Esteves Laura Najjar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>134</b>
CAPOEIRA: INSTRUMENTO ALTERNATIVO PARA FOMENTAR A AFROCIDADANIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO SERVIÇO SOCIAL	
Luciene Gustavo Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>147</b>
A CIDADE DE BIRIGUI - SP E SEU PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO PAISAGÍSTICO: O MERCADO MUNICIPAL E SUA PRAÇA ADJACENTE	
Fabrícia Dias da Cunha de Moraes Fernandes Korina Aparecida Teixeira Ferreira da Costa Jayne Lopes Moura	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>159</b>
A PAISAGEM CULTURAL DE AMARANTE, PI E A EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO	
Andréa Lourdes Monteiro Scabello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191213</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>172</b>
ANÁLISE DA PAISAGEM: O PATRIMÔNIO E A PAISAGEM CULTURAL EM VERANÓPOLIS/RS – BRASIL	
Paula Fogaça Alina Gonçalves Santiago Dirceu Piccinto Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>190</b>
HISTÓRIA, CULTURA E LAZER EM CONEXÃO: INFLUÊNCIA DA CRIAÇÃO DO PARQUE DA CIDADANIA NA CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM DA ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DA CIDADE DE TERESINA-PI	
Lara Jhélia de Sousa Sampaio Mariana Luiza Bezerra Sampaio Hanna Morganna de Deus Alves Augusto César Barros de Moura Neiva Myrlla Lorene de Macedo Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>202</b>
A ATIVIDADE COMERCIAL EM FEIRA DE SANTANA (BA): USOS DO ESPAÇO PÚBLICO	
Alessandra Oliveira Teles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>217</b>
MINHOÇÃO: ENTRE O TRANSGREDIR E O MEDIAR OS BENS COLETIVOS PRODUZIDOS A PARTIR DE INICIATIVAS DE MORADORES, MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES	
Maria Isabel Camañes Guillén	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>231</b>
DO PIONEIRISMO AO ESQUECIMENTO: AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL	
Mônica Peixoto Vianna Carina Letícia Rodrigues Oliveira Falcão Hugo Fernando Calheiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>244</b>
EFEITOS DO ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE FUNDÃO NA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE BARRA LONGA, MINAS GERAIS	
Teresa Cristina Guerra de Andrade Maria Luiza Almeida Cunha de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191219</b>	

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>256</b>
A EXPANSÃO URBANA DE MARINGÁ COMANDADA PELA CTNP E SEUS FUNCIONÁRIOS DO ALTO ESCALÃO	
Layane Alves Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>264</b>
A OFERTA IMOBILIÁRIA DE SALVADOR PARA A ALTA RENDA: UTOPIAS, ISOTOPIAS E HETEROTOPIAS	
Sarah Nascimento dos Reis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>278</b>
URBANISMO BIOCLIMÁTICO: AMBIÊNCIA URBANA E PATRIMÔNIO DA PRAÇA TOCHETTO EM PASSO FUNDO, RS	
Evanisa Fátima Reginato Quevedo Melo Mirian Carasek	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>290</b>
MODIFICAÇÃO DA HABITAÇÃO: UMA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO NO CONJUNTO HABITACIONAL DE INTERESSE SOCIAL EWERTON MONTENEGRO GUIMARÃES EM VILA VELHA-ES	
Bruna Gonçalves Merisio Cynthia Marconsini Loureiro Santos Liziane de Oliveira Jorge	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>302</b>
REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: INFLUÊNCIA DO PAPEL DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA PRESTADA PELO ESCRITÓRIO DE ENGENHARIA PÚBLICA (EPTEC) PARA O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA	
Eufrosina de Azevêdo Cerqueira Diogenes Oliveira Senna Adriele Souza da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>316</b>
POSSIBILIDADES DA ASSISTÊNCIA SOCIAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA NO PROCESSO DE REGULARIZAÇÃO URBANA: O CASO DOS PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Reginaldo Magalhães de Almeida Iara Cassimiro de Oliveira Luiza Abreu Campos Almir Teixeira Esquárcio Julia Malard Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191225</b>	

<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>328</b>
POLÍTICA NACIONAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS: UMA ANÁLISE DE SUA APLICAÇÃO NO MUNICÍPIO DE GUANAMBI - BA	
Bruno Miola da Silva Poliana Bomfim Coutrin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>344</b>
AVALIAÇÃO DE SOLUÇÕES PARA MANUSEIO DE RESÍDUOS SÓLIDOS NAS HABITAÇÕES MULTIFAMILIARES DO RIO DE JANEIRO	
Alice Magalhães Garcia Souza Maria Cristina Moreira Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>357</b>
MECANISMO INTELIGENTE DE GERAÇÃO DE UMA EXPRESSÃO ARQUITETÔNICA COM O AMBIENTE AUTOMATIZADO	
Wanessa Glanzel Hoffmann Josana Fernandes da Rosa Marcos Rocha Galvão Fagundes de Souza Cleverson Porto da Silva Fernanda Barreto Rafael Bastos Duarte José Wanderson Oliveira Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>370</b>
O RIO GRANDE DO SUL E AS FONTES SUSTENTÁVEIS: ANÁLISE DA MATRIZ ENERGÉTICA DO ESTADO	
Denise de Souza Saad Danielle de Souza Saad Caryl Eduardo Jovanovich Lopes Clarissa de Oliveira Pereira Hugo Henzel Steinner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191229</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>380</b>
ESTUDO DE MANIFESTAÇÕES PATOLÓGICAS EM PONTES E VIADUTOS DE CONCRETO ARMADO NA CIDADE DE CUIABÁ-MT	
Guilherme Antonio Rosa e Silva Nogueira Barbosa Camila Raia Santos Bastos Raquel Alves Fernandes da Silva Maria Fernanda Fávero Menna Barreto Ana Paula Maran	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46519191230</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>393</b>
INFLUÊNCIA DA ADIÇÃO DE AGREGADO RECICLADO EM CONCRETOS: UM ESTUDO SOBRE O CISALHAMENTO EM ELEMENTOS ESTRUTURAIS	
Max Silva Michelle Cordeiro	

<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>406</b>
REAPROVEITAMENTO DA CONCHA DE MARISCO COMO AGREGADOS EM ARGAMASSAS E CONCRETOS NÃO ESTRUTURAIS	
João Manoel de Freitas Mota Ronaldo Faustino da Silva Yuri Barros Lima Moraes Ângelo Just Costa e Silva André Miranda Santos	
DOI 10.22533/at.ed.46519191232	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>417</b>
AZULEJARIA BRASILEIRA E DESIGN	
Flávia Marques de Azevedo Esperante	
DOI 10.22533/at.ed.46519191233	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>424</b>
CHAPECÓ/SC E PASSO FUNDO/RS: ESTUDO COMPARATIVO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	
Ana Laura Vianna Villela Gabriela Borges da Silva Emanuelli Schneiders Aléxander Augusto Ortmeier Maryon Brotto Isadora Zanella Zardo	
DOI 10.22533/at.ed.46519191234	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>441</b>
PLANEJAMENTO URBANO EM SÃO PAULO, FASE PIONEIRA DOS ANOS 1950-60	
Adilson Costa Macedo Altamir Clodoaldo Rodrigues da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.46519191235	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>447</b>
POR UMA AUTONOMIA CONCRETIZÁVEL: FUNDAMENTOS PARA A ARQUITETURA EM REGIÕES DE FRAGILIDADE SOCIOESPACIAL E AMBIENTAL	
Vera Santana Luz	
DOI 10.22533/at.ed.46519191236	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>472</b>
COMO O URBANISMO TEM SIDO OPERADO EM PROCESSOS DE CONCESSÃO: A APLICAÇÃO DOS PROJETOS DE INTERVENÇÃO URBANA	
Carolina Heldt D'Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.46519191237	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>493</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>494</b>

## TEATRO VARIEDADES EM RIO CLARO - SP: RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA ARQUITETÔNICA

### Ícaro Fassoli

Asser Rio Claro  
Rio Claro - SP

### Marcelo Cachioni

Asser Rio Claro; Instituto de Pesquisas e  
Planejamento de Piracicaba - Ipplap; Faculdades  
Integradas Einstein de Limeira - Fiel  
Piracicaba - SP

**RESUMO:** A presente pesquisa consiste em recuperar a memória arquitetônica do antigo Teatro Variedades de Rio Claro-SP. De grande importância para a sociedade rioclareense, o teatro Variedades esteve juntamente com o Teatro Phenix no centro da produção cultural da cidade, sendo palco para grandes companhias teatrais nacionais, internacionais e, também para a exibição de filmes. Na medida em que o cinema se consolidou como entretenimento, a atividade teatral perdeu um considerável público, sendo que este foi interessante economicamente até meados dos anos 1940. Esses espaços posteriormente foram tomados pelas apresentações cinematográficas. A partir dos anos 1960, houve um progressivo declínio de público devido ao acesso à televisão. Mediante isto, estes imóveis se tornaram obsoletos e os que não foram demolidos, passaram por severa modificação para ganharem novo uso, perdendo assim grande

patrimônio edificado. Para alcançar o principal objetivo deste trabalho, realizou-se uma pesquisa histórica sobre o edifício, buscando conhecer sua produção e programação cultural. A partir da análise da edificação remanescente, foram observadas as perdas arquitetônicas e históricas. Por meio de reconstituição digital foi realizada a reconstituição tridimensional com o objetivo de recuperar a imagem e a memória do bem cultural, já descaracterizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Patrimônio histórico; Teatros; Reconstituição; Memória.

### VARIEDADES THEATER IN RIO CLARO - SP: ARCHITECTURAL MEMORY RECONSTITUTION

**ABSTRACT:** The present research consists in recovering the architectural memory of the old Variedades Theater in Rio Claro-SP. Very important to the rioclarence society, the Variedades Theater was together with the Phenix Theater, in the center of the city's cultural production, being the stage for major national and international theater companies, and also for the screening of films. As cinema became established as entertainment, theatrical activity lost a considerable audience, which was economically interesting until the mid-1940s. These spaces were later taken over by movies presentations. From the 1960s, there was a

progressive decline in attendance due to access to television. Thus, these properties became obsolete and those that were not demolished, underwent severe modification to gain new use, thus losing large built heritage. In order to achieve the main objective of this work, a historical research on the building was carried out, seeking to know its production and cultural programming. From the analysis of the remaining building, the architectural and historical losses were observed. Through digital reconstitution, a three-dimensional reconstitution was performed with the objective of recovering the image and memory of the cultural asset, already uncharacterized.

**KEYWORDS:** Historical Heritage; Theatres; Reconstitution; Memory.

## A RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA ARQUITETÔNICA

A pesquisa de iniciação científica realizada no curso de Arquitetura e Urbanismo da Asser Rio Claro objetivava recuperar a memória arquitetônica do antigo Teatro Variedades. Por meio das informações encontradas, elaborar desenhos digitais, plantas e fachadas do edifício em análise para identificar as características arquitetônicas, e produzir maquetes eletrônicas do teatro em sua composição original.

O Teatro Variedades foi um dos principais equipamentos culturais de Rio Claro, em seu período de funcionamento. Após o encerramento de suas atividades originais, o edifício foi destinado a novos usos e passou por reformas descaracterizadoras, perdendo assim quase todos os seus elementos arquitetônicos internos.

O trabalho foi realizado a partir da busca de dados em arquivos públicos e privados, como fotos, plantas, desenhos; além de bibliografia por fontes primárias e secundárias, que possibilitou a elaboração de desenhos digitais para recuperação hipotética das plantas, fachadas e volumetria que foram modificadas ao longo do tempo. Por fim, como resultado, a execução de maquete eletrônica para recuperação dos elementos arquitetônicos do edifício.

## RIO CLARO E SEU DESENVOLVIMENTO CULTURAL.

Segundo Picelli (2015), a formação do município de Rio Claro se deu em função da doação de terras por fazendeiros locais. A região era estratégica, pois era local de pouso de tropas que tinham como missão povoar o “Oeste Brasileiro”. Com a decadência da exploração mineral no país, outro segmento sofreu grande ascendência: o canavieiro. Por meio dessa cultura, a cidade teria se consolidado economicamente antes da metade do século XIX, sendo que a ascensão seria maior ainda com a chegada dos trilhos da Cia. Paulista na segunda metade do século XIX (PICELLI, 2015).

Houve profunda transição na segunda metade do século XIX na produção agrícola na cidade, mudando a cultura de cana-de-açúcar para a cafeicultura e

regiões que possuíam solo conhecido como “terra roxa” eram atraentes para a elite cafeeira. Nesta época também houve transição no modelo trabalhista, trocando a mão de obra escrava para a livre, por meio da imigração europeia (PICELLI, 2015).

Os resultados alcançados com a produção do café, referente ao acúmulo de capital nas mãos dos imigrantes e retorno financeiro dos fazendeiros, possibilitaram a reaplicação de parte dos lucros na indústria que se formava timidamente. A consequência é que Rio Claro “já se afirmava como centro regional, acentuando-se essa função com o início do tráfego ferroviário” (PICELLI, 2015).

Tamanha prosperidade seria fundamental para que fosse idealizado um teatro na cidade, símbolo das sociedades contemporâneas.

Em relação à atividade teatral, no período anterior à 1860, não há registros em São João do Rio Claro (atual Rio Claro). A partir desta, um grupo de cidadãos tomou a iniciativa da construção de uma casa de diversões, onde, além de espetáculos teatrais, pudessem ser realizadas palestras e solenidades cívicas. O primeiro teatro de Rio Claro foi inaugurado em 20 de janeiro de 1864, denominado Teatro São João, posteriormente Teatro Phenix (FITTIPALDI, 1978).

Segundo Penteado (1977), o teatro era “um dos maiores da Província ao seu tempo” e também:

foi palco para diversas companhias dramáticas, de óperas e de operetas, tanto nacionais como estrangeiras; companhias que somente se apresentavam no Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas; por aí se vê o conceito que gozava o nosso 'Teatro São João' (PENTEADO, 1977, p. 277).

Com a instalação da ferrovia em 11 de agosto de 1876, Ferreira et al (2012) afirmam que a cidade “ampliou sua influência sobre vasta área, como centro de comércio no fornecimento e suprimento das regiões mais interioranas”, o que de certa forma se modificou com a expansão da linha férrea a partir de 1884 (FERREIRA ET AL, 2012).

A ferrovia proporcionou uma dinamização do núcleo urbano rioclareense. Segundo Ferreira et al (2012), este momento foi sucedido por outras construções, sendo o

[...] Gabinete de Leitura (1876); nova Igreja Matriz de São João Batista (1877); Sociedade Filarmônica (1879), clube cultural e recreativo da alta sociedade; Santa Casa de Misericórdia (1885); Mercado Municipal (1897); escolas (Colégio Americano em 1873, Colégio Santa Cruz em 1877 e Escola Alemã, em 1883); além de hotéis (Hotel D'Oeste e Hotel Rio-Clareense) e restaurantes para viajantes nas proximidades do edifício da estação [...] (FERREIRA ET AL, 2012).

Acidade estava efervescente com o exponencial progresso que tomara a cidade. Todo esse ambiente era favorável e a demanda era crescente por cultura. Segundo Penteado (1977), por volta do ano de 1895 foi criado o cinematógrafo, invenção dos

Irmãos Lumière, na França. Consistia em um “aparelho capaz de tomar imagens sucessivas sobre uma placa ou fita, para depois reproduzi-lo em um anteparo fixo”.

Penteado (1977) afirma que em Rio Claro, o cinematógrafo foi exibido pela primeira vez no Teatro Phenix na noite de 26 de outubro de 1901, por iniciativa de Eduardo Chinelli:

Foi um imenso e sensacional sucesso quando se apresentou ao público desta cidade a fotografia animada nos “films” naturais: “A chegada de um trem a Melbourne (Austrália)”, “Pirâmides do Egito”, “As Cascatas do Reno”, “Casamento do Rei Victorio Emanuel” e “Revista das Forças de Mar e Terra da Itália” ao preço de: Frizas dez mil reis; Camarotes seis mil reis; Cadeiras a dois mil reis e Galerias a um mil reis (PENTEADO, 1977).

Segundo Penteado (1977), ainda no Phenix foi exibido o primeiro “film” falado e musicado (em preto e branco) “Cantor de Jaz”, estrelado por Al. Jhonson.

Fittipaldi (1978), informa que já nas primeiras décadas do século XX, um movimento teatral amador atingiu uma fase de grande expressão. Eram frequentes apresentações de caráter beneficente no Phenix e em palcos de sociedades, destacando-se o “Grupo Dramático Beneficente” e o “Grupo Filodrammatico Italiano Umberto 1º”.

Segundo Fittipaldi (1978), o início da década de 1910 marcou o aparecimento dos salões Íris, Bijou (posteriormente Ideal) e Parque, que tinham por finalidade a exploração do cinematógrafo. O cine Parque, que se localizava na esquina da rua 3 esquina com avenida 8, chegou a apresentar espetáculos teatrais de alguma importância. Todos tiveram curto período de atividades (FITTIPALDI, 1978, p. 279).

Na década de 1920, o cinematógrafo passou a se impor como divertimento de massa, as atividades teatrais começam a apresentar um declínio. Fittipaldi (1978) informa que os teatros Phenix e Variedades passaram a ser quase que completamente absorvidos pelas atividades cinematográficas (FITTIPALDI, 1978, p. 282).

## TEATRO VARIEDADES

Em julho de 1912 foi estabelecida a ‘Sociedade Anonyma Variedades’, composta por diversos investidores da cidade de Rio Claro, destacando-se entre estes José Castellano, Heliodoro Antonio da Costa Ferreira e Antonio Porto (FITTIPALDI, 1978). Em 14 de agosto de 1912, é publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo o estatuto da sociedade, o qual regulamentava o funcionamento e operação da sociedade. Alguns dos principais objetivos desta sociedade eram:

a) adquirir um terreno na cidade de Rio Claro, em ponto central e mandar nella construir um pequeno teatro, dotado de conforto e arte, para exploração de espetáculos cinematographicos e outros que proporcionem grata diversão ao publico;

- b) manter por conta própria ou de terceiros mediante prévio contrato, um bar anexo ao teatro;
- c) ceder este para qualquer fim útil, mediante o aluguel que previamente ajustado (DOESP, 14/08/1912 apud JUSBRASIL).

Após consolidação da sociedade, com o capital formado dos investidores, um terreno foi adquirido pela sociedade. Este terreno está localizado na Avenida 1, s/ nº (antiga Rua do Comércio) com a Rua 6, no centro de Rio Claro, o qual na época confrontava com os imóveis de José Antonio Correa Fontes e Manuel Correa Fontes (SELINGARDI JR., 2011).

O projeto do teatro foi conferido ao engenheiro Carlos Schmidt, conforme ata do Diário Oficial do Estado (publicação de 24 dez. 1913, p. 5.265). Apesar da clara grafia, em pesquisas descobriu-se que o nome correto do mesmo seria Karl Ebenhardt Jacob Schmitt. De acordo com esta mesma publicação, a sociedade enfrentou certa dificuldade financeira para a conclusão da obra, pois os recursos captados na formação da sociedade foram insuficientes. Foi sugerida alteração do projeto, mas em assembleia decidiu-se manter o mesmo. Em função disso, a sociedade fez um empréstimo, hipotecando o imóvel.



Figura 1 - Teatro Variedades conforme projeto original.

Fonte: Arquivo de Rio Claro.

De acordo com a publicação no Jornal 'O Alpha' (edição de 25 de fevereiro de 1914, p. 2), na véspera de sua inauguração, havia muita expectativa em relação ao teatro que vinha sendo construído ao longo dos últimos dois anos e tal expectativa é percebida com a afirmação de que *"se deve constituir justo padrão de orgulho dos rio-clarenses ciosos das grandezas e progresso da sua terra"*. O periódico afirma, no teatro, sua grandeza e importância, ao exclamar que *"não trepidamos avançar ser elle a mais bella e acabada casa no gênero para o fim a que se destina em todo o Oeste"*. A publicação dá detalhes também sobre a decoração do teatro, esta

sob-responsabilidade dos pintores Aladino Divani e Felício Rossini. São de autoria de Aladino Divani as pinturas da boca de cena, o qual representou na mesma uma pintura com o tema 'Descoberta do Brasil'. A ele pertence também a autoria dos três quadros existentes na fachada do prédio, que retratavam Tália, Melpomene e Terpsícore, as musas da Tragédia, Comédia e Dança. A publicação também informa que o prédio era bem iluminado, ventilado e com ótimas condições de acústica. A inauguração então ocorreu no dia 26 de fevereiro de 1914, sendo muito comemorada pela comunidade local.

Nos idos de 1920, segundo Selingardi Jr. (2011), o teatro foi comprado em parceria pelos empresários Humberto Cartolano e Joaquim Alves Penna, sócios-proprietários da "Empreza Theatral Luso-Brasileira", sendo assim a sociedade liquidada.



Figura 2 - Variedades após reformas na fachada, sem data (provavelmente a partir de 1927).

Fonte: Arquivo Histórico de Rio Claro.



Figura 3 - Vista do Teatro a partir da Av. 1 (Rua do Comércio).

Fonte: Arquivo Histórico de Rio Claro.

Na década de 1940 o Teatro Variedades não apresentou atividades teatrais de grande relevância, entrando em fase de decadência. Em julho de 1951 o teatro paralisou suas atividades, em virtude de suas precárias condições (FITTIPALDI, 1978, p. 282).

Durante todo o ano de 1952, o Variedades passou por uma completa reforma, reabrindo as portas em 4 de março de 1953. Inaugurado o cinema, abandonaram-se então as promoções de caráter teatral. Tal empreendimento teve a frente Humberto Cartolano (FITTIPALDI, 1978, p. 282).

Dos profissionais envolvidos na reforma do prédio em 1952 estavam: o engenheiro Artur Luiz Pitta e o construtor Gustavo Stein; Alfeu Casanova Costa, trabalhos diversos; Belarmino Witt e Artur Pinto da Silva, eletricidade; Izael Roseira, carpintaria; a firma Traina & Campagnone, serralheria; Valentim Osti, gesso; Dionísio Rodolfo Giongo, químico das tintas e vernizes; Fernando Socoloski e Osvaldo Farina, estofados; a decoração interna, que possuía artes em barro e gesso, esculturas, iluminação embutida, tapeçarias e cortinas, foi feita pelo escultor Vilmo Rosada; foi introduzida também na reforma uma marquise de concreto (SELINGARDI JR, 2011).

A entrada principal localizava-se na Avenida 1, transposta, se chegava ao saguão. À direita havia uma confortável sala de espera e *'bonbonnière'*. Do lado esquerdo estava o escritório e a bilheteria que abria para a Rua 6, compartimento que era ocupado anteriormente pelo *'Bar Variedades'* (SELINGARDI JR, 2011).



Figura 4 - Teatro Variedades com alterações na fachada pertinentes à reforma que adequou o teatro ao cinema. Percebe-se a instalação da marquise, o fechamento do Bar Variedades e no espaço que pertencia ao bar foi instalada a bilheteria do cinema.

Fonte: Arquivo Histórico de Rio Claro.

Na sala térrea de projeção havia 700 poltronas (SELINGARDI JR, 2011). O palco era considerado um dos maiores do interior de São Paulo. Ao fundo, havia uma tela panorâmica de grandes dimensões, com iluminação indireta em várias cores (projeção Zeiss, som Simplex). Foram construídos 11 camarins e quatro *'toilettes'* para as senhoras e os cavalheiros. As portas laterais de saída eram de madeira maciça, todas acolchoadas com couro marrom escuro e isolavam qualquer tipo de ruído externo (SELINGARDI JR, 2011).

No cinema havia um conjunto de 300 poltronas numeradas que eram estofadas em couro vermelho, e permitiam uma ótima visão do espetáculo. Do lado direito havia uma *'toilette'* feminina, precedida de *'fumoir'*. Havia duas esculturas de bailarinas que ornavam as paredes, de autoria do artista rioclarense Vilmo Rosada (SELINGARDI JR, 2011).

Com o falecimento de Humberto Cartolano no ano de 1956, o Variedades foi alienado a Empresa Cinematográfica *'Antonio Padula Neto'*. Considerado um dos mais antigos cinemas do Brasil, o Variedades encerrou suas atividades nos primeiros anos de 1990 (SELINGARDI JR, 2011).

Desde então, o teatro já recebeu outros tipos de empreendimento, como: a boate PHD e também uma filial da Igreja Universal do Reino de Deus. Segundo Selingardi Jr. (2011), na administração do Prefeito Claudio de Mauro, o Cine Variedades passou

a abrigar um supermercado. Esta situação se mantém, conforme visita recente ao local.



Figura 5 - Prédio do Teatro Variedades abriga um supermercado.

Foto: Thalita Almeida Meirelles

## ANÁLISE TIPOLÓGICA

Segundo Selingardi Jr. (2011), a construção é de uma tipologia típica de Teatro. Construído no alinhamento, o teatro ocupa totalmente o terreno. Com a análise de fotos, é possível perceber que o espaço é “retangular fechado nos três lados com uma parede visível ao público frontal através da boca de cena” (MARTINS et al, 2005), ou seja, cumpre os requisitos que se enquadram a configuração de teatro Italiano. A partir disso, tem-se uma disposição frontal da plateia ao palco, além de que “*outros elementos caracterizam o teatro italiano como: palco delimitado pela boca de cena e sua consequentemente cortina e a presença de caixa cênica com urdimento, coxias e varandas*” (MARTINS et al, 2005).

Percebe-se em seu interior que há setores distintos dentro do teatro, como as cadeiras em frente ao palco, as 32 frisas que emolduram o setor de cadeiras, criando assim uma disposição em forma de ‘U’ e o setor ‘geral’, onde os espectadores ficavam de pé, sem lugar reservado para assistir à apresentação. Cada setor é voltado para um tipo de ingresso, sendo o geral mais em conta e frisa mais caro.

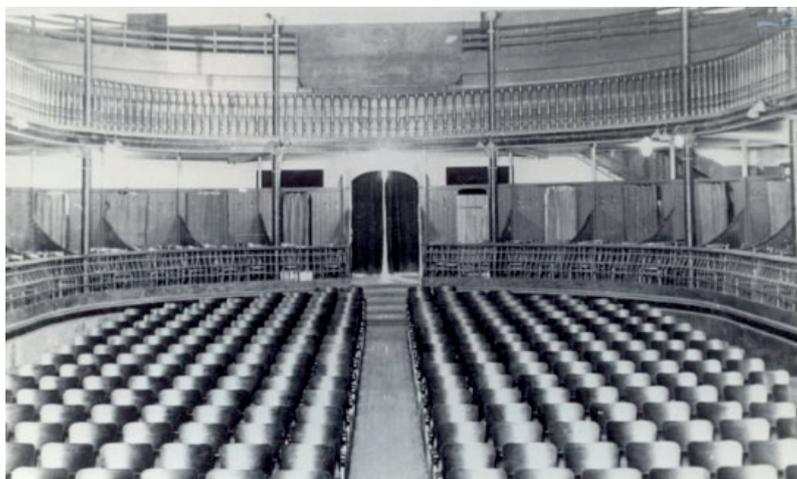


Figura 6 - Plateia do Teatro Variedades. Sem data

Fonte: Arquivo Histórico de Rio Claro.



Figura 7 - Plateia do Teatro Variedades.

Fonte: Arquivo Histórico de Rio Claro.

O imóvel pertence ao estilo Eclético (assim como a maioria das construções da época), com elementos classicizantes, conferindo elegância com o objetivo de mostrar modernidade. A distribuição das janelas possui ritmo regrado, muito bem espaçado e centralizado, conferindo ao imóvel beleza e racionalidade em sua construção.

Foi construído no alinhamento em um terreno de 746,05 m<sup>2</sup>, com 17,00m para a Avenida 1 e 43m de extensão na Rua 6, com projeto assinado pelo Engenheiro Karl Ebenhardt Jacob Schmitt. Segundo Selingardi Jr. (2011), a construção possui três corpos, sendo o central elevado, com notáveis elementos como envasaduras com vergas retas e em arcos plenos, janelas com vitrô basculante. Na cobertura foram instaladas cimbalha e platibanda. Possui também apliques de máscaras na fachada, originalmente decoradas com as musas Melpômene (tragédia), Tália (comédia) e Terpsícore (dança).

## RECONSTITUIÇÃO VIRTUAL DO TEATRO VARIEDADES.

Obteve-se as medidas do terreno (43,00m x 17,00m) e considerando que o imóvel ocupa a totalidade do terreno, essas medidas foram incluídas em um software eletrônico.

Em comparação com a planta atual disponibilizada pelo Sedeplama da Prefeitura de Rio Claro, observou-se que alguns elementos provavelmente foram mantidos desde sua construção em função de seu sistema construtivo (alvenaria estrutural). No caso da planta do pavimento térreo, as áreas que compreendem a parte de estoque, açougue e padaria do supermercado que se encontra instalado no imóvel, observa-se que estes locais poderiam ser o antigo *foyer*, o Bar Variedades e uma área administrativa do teatro, juntamente com a bilheteria.

Resolvidos estes espaços, parte-se então para a plateia. Observa-se que possuía um sistema de frisas em forma de 'U' e, deduzindo que nestas frisas poderiam ter no máximo seis cadeiras, o tamanho da frisa foi desenhado hipoteticamente em razão da ergonomia. Com isto, foi possível obter a área original deste ambiente, sendo que dentro do 'U', havia cadeiras. A partir de medidas de uma cadeira real, inseriu-se as cadeiras no ambiente, deixando livres os espaços de circulação. No espaço remanescente do teatro, introduziu-se o desenho do palco, considerando sempre medidas e soluções hipotéticas.

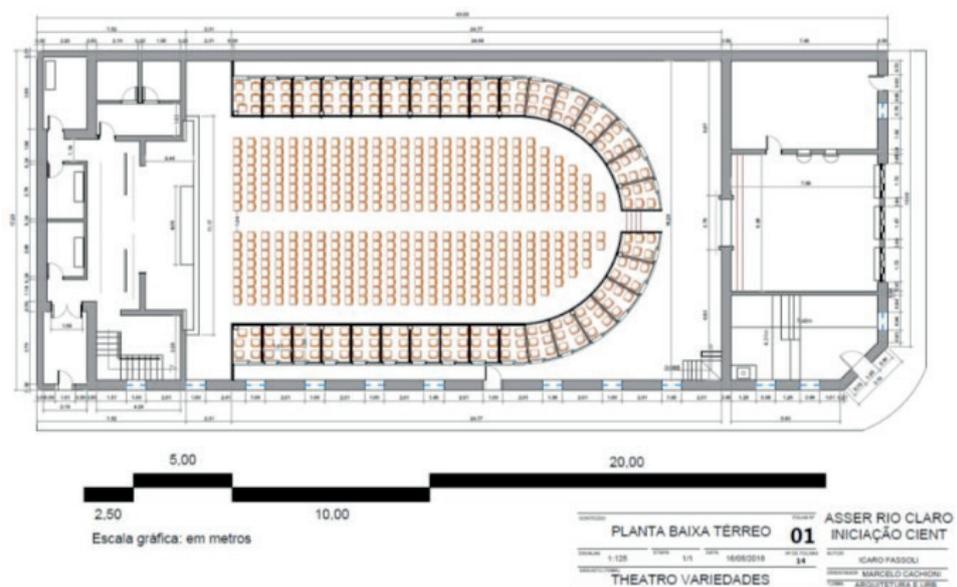


Figura 8 - Planta hipotética do pavimento térreo (em anexo).

Autor: Icaro Fassoli.

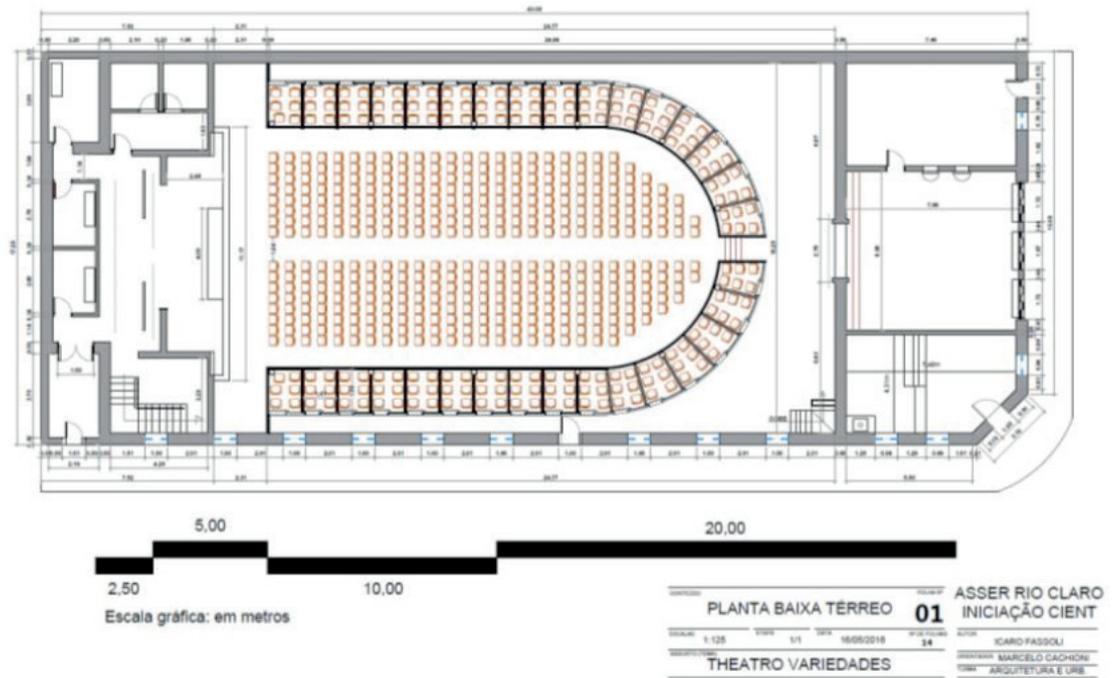


Figura 9 - Planta hipotética do mezanino (em anexo).

Autor: Icaro Fassoli.

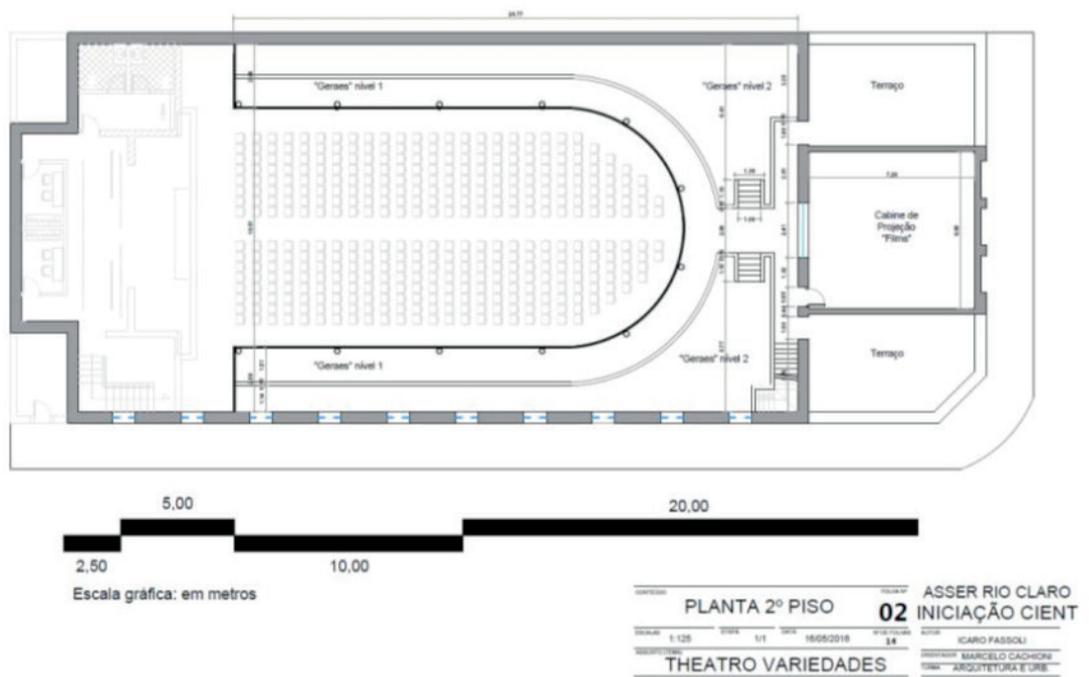


Figura 10 - Planta hipotética do fosso da orquestra (em anexo).

Autor: Icaro Fassoli.

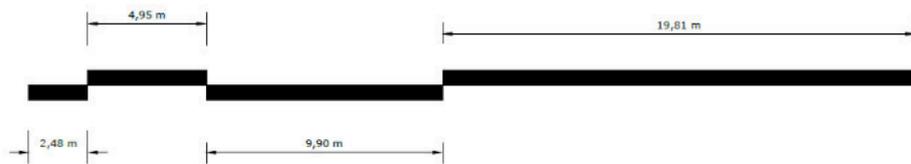
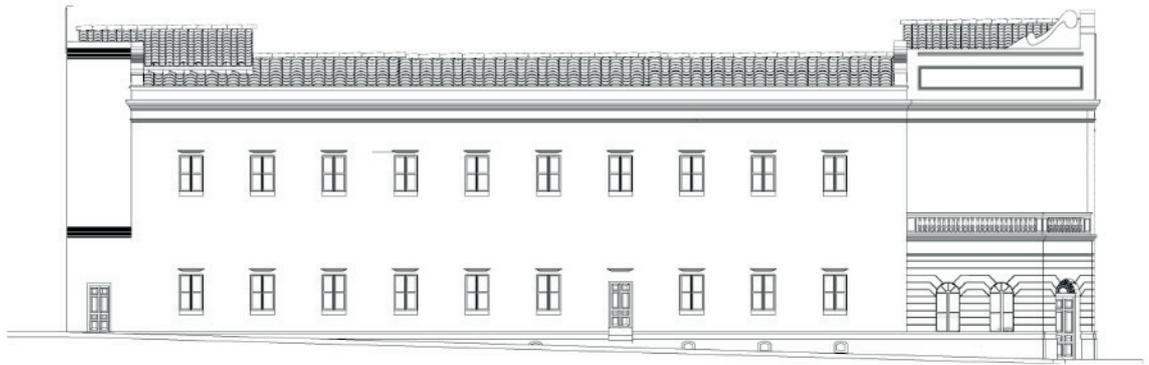


Figura 11 - Fachada da Rua 6 (em anexo).

Autor: Icaro Fassoli.



Figura 12 - Fachada da Avenida 1 (em anexo).

Autor: Icaro Fassoli.

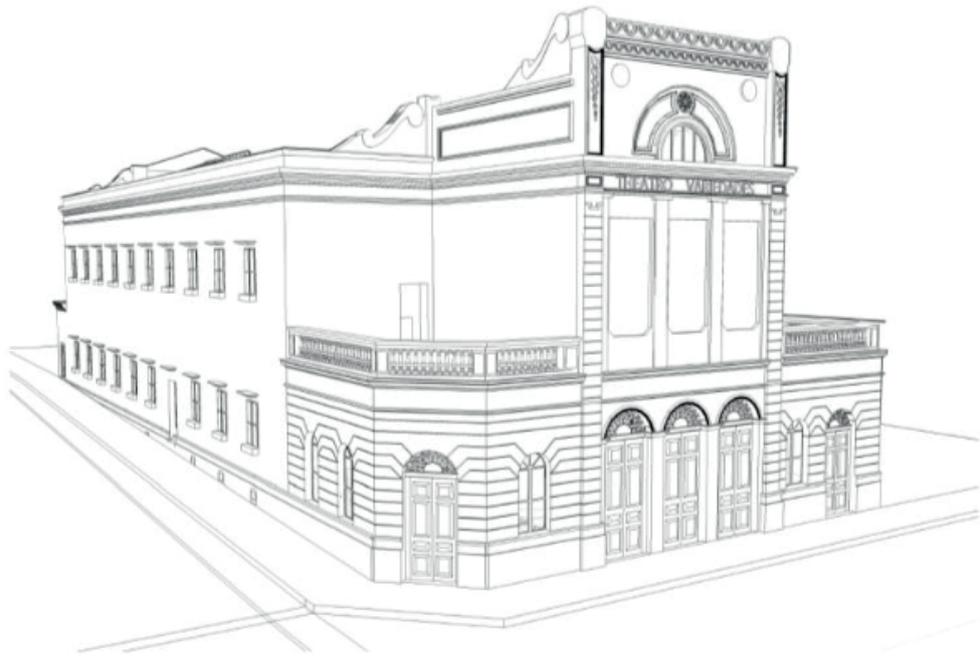


Figura 13 - Perspectiva do Teatro (em anexo).

Autor: Icaro Fassoli.

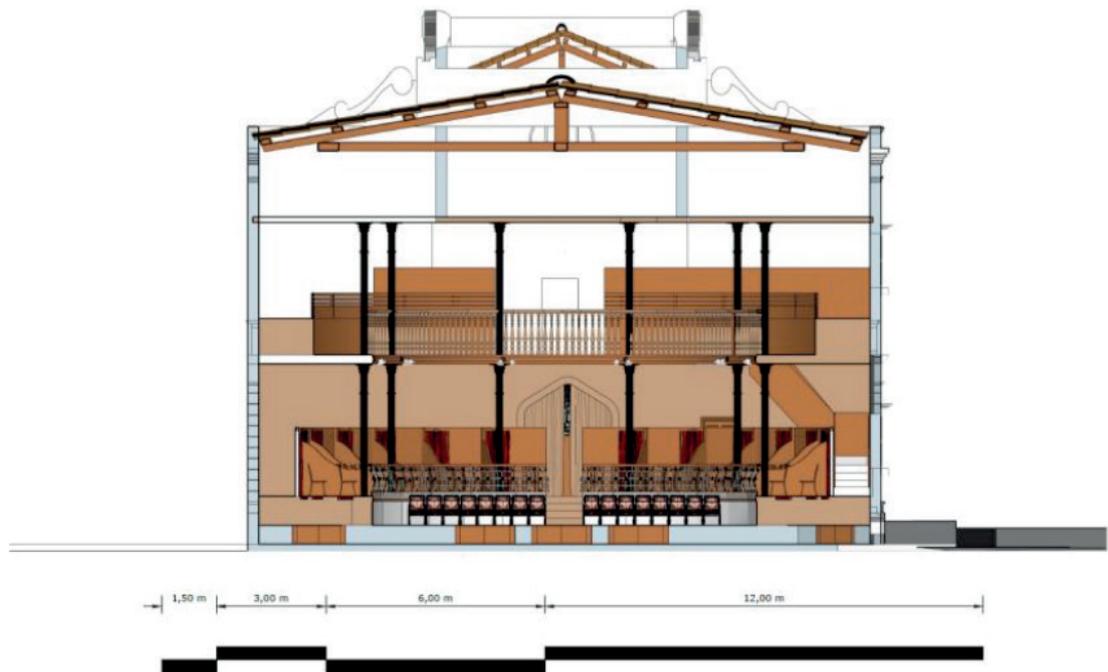


Figura 14 - "Corte humanizado", no sentido lateral. Vista de quem está no palco olhando para a plateia (em anexo).

Autor: Icaro Fassoli.

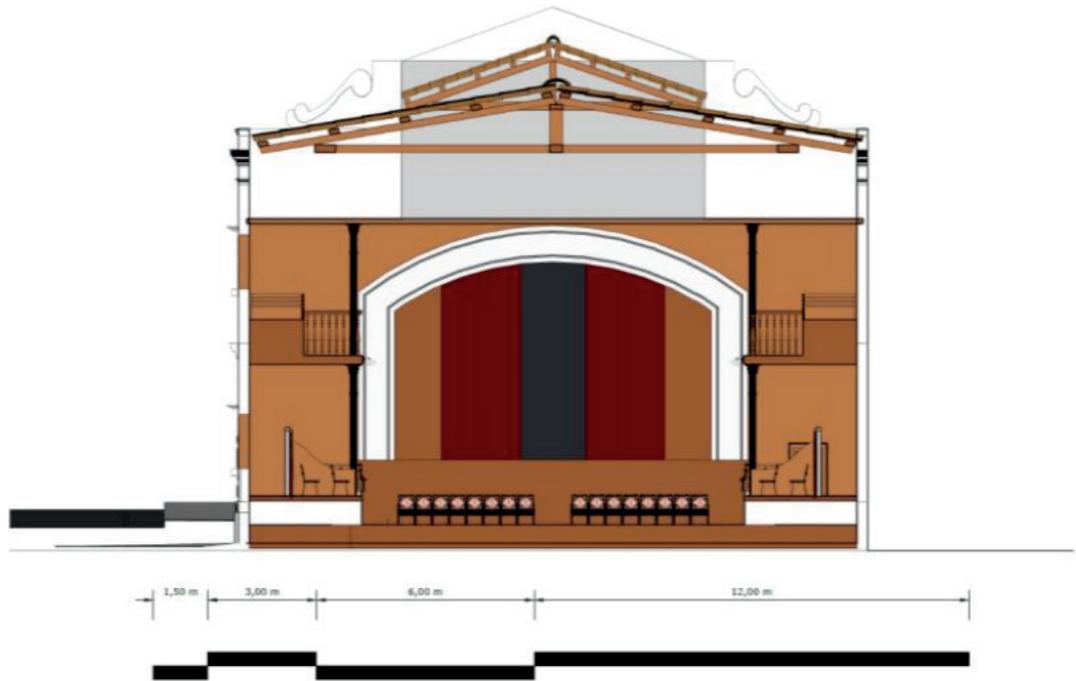


Figura 15 - "Corte humanizado", no sentido lateral. Vista de quem está na plateia olhando para o palco (em anexo).  
 Autor: Icaro Fassoli.

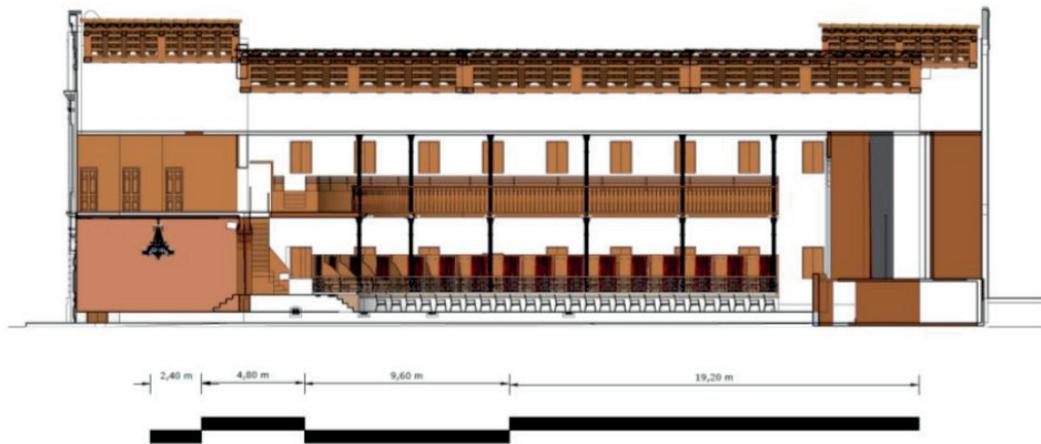


Figura 16 - "Corte humanizado", no sentido longitudinal. Vista de quem olhando para as janelas que ficam na fachada da rua 6 (em anexo).  
 Autor: Icaro Fassoli.



Figura 17 - Perspectiva de quem está nas "Geraes" (em anexo).

Autor: Icaro Fassoli.



Figura 18 - Vista do nível da plateia

Autor: Icaro Fassoli.

As fachadas, assim como a volumetria foram reconstituídas por meio das fotos encontradas no Arquivo municipal. Foram também reconstituídas as máscaras de fachada, assim como os ornamentos por meio da observação de remanescentes. Como já mencionado, esses apliques possuem uma proporcionalidade e ritmo, o que de fato ajudou na elaboração da maquete eletrônica.

Na parte interna do imóvel, a grande dificuldade é encontrar informações que não estão registradas por fotos e infelizmente nenhuma pessoa que tenha frequentado o ambiente pôde dar mais informações. De qualquer forma, o trabalho foi baseado nas fotos encontradas no Arquivo Municipal de Rio Claro. Infelizmente somente foram encontradas fotos da plateia, ficando a cargo da suposição os demais ambientes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recontar a história é uma constante necessidade para que se esqueça quem se é e para se ir. Olhar para o passado e nele enxergar grandes conquistas e hábitos e, porque não também os momentos ruins, é poder projetar um futuro melhor, mais justo e humano e com isso construir uma sociedade mais igualitária, evoluída e democrática.

A cidade de Rio Claro tem sido negligente com seus símbolos e por meio deste trabalho, pode-se aproximar a população de sua herança cultural, arquitetônica e histórica. O teatro Variedades é um importante exemplar da arquitetura rioclarense que tem necessidade de ser preservado, pois esta construção é representativa não só pelo valor arquitetônico, mas por ter sido espaço em que a cultura foi apresentada à população como elemento edificante e também foi palco para alcançar a sociedade em todos os níveis sociais.

## REFERÊNCIAS

ARQUIVO PÚBLICO E HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE RIO CLARO. **Crônica dos Prefeitos de Rio Claro: 1908-1983**. Rio Claro: Divisão de Arquivo do Estado: Setor de reprodução - São Paulo. 1983. p. 81.

FERREIRA, Monica C. B. F.; OLIVEIRA, Carolina B. de; BENINCASA, Vladimir. **Urbanização e Ferrovia: implantação do sistema ferroviário e suas consequências no espaço urbano da cidade de Rio Claro/SP**. Rio Claro. 2012. 19 p. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI\\_coloquio\\_t2\\_urbanizacao\\_ferrovia.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t2_urbanizacao_ferrovia.pdf)>. Acessado em 20/03/2016.

FITTIPALDI, Fernando C. **O Teatro - Síntese histórica**. In: MUSEU AMADOR

PENTEADO, Oscar de Arruda. **Rio Claro: Coletânea Histórica**. Piracicaba: Franciscana do Lar Franciscano de menores de Piracicaba, 1977. p 55-58.

PICELLI, Pedro de Castro. **Café, Política e Imigração: A formação da Elite**

### Periódicos:

DIARIO OFICIAL DO ESTADO. **Sociedade Anonyma Variedades Rio Claro**. In: Publicações Particulares. São Paulo, 24 dez. 1913, p. 5265. Disponível em <<https://www.jusbrasil.com.br>>

DIARIO OFICIAL DO ESTADO. **S. A. Variedades Rio Claro: Balanço em 30 de junho de 1920**. São Paulo, 14 nov. 1920, p. 6923. Disponível em <<https://www.jusbrasil.com.br>>

DIARIO OFICIAL DO ESTADO. **Sociedade Anonyma Variedades Rio Claro**. São Paulo, 14 ago. 1912. Disponível em <<https://www.jusbrasil.com.br>>

GUILHERME, Vivian. Prédio do antigo Cine Teatro Variedades mantém traços da arquitetura grega. In: **Jornal Cidade**. Rio Claro, p. C7, 01 jul. 2012.

SELINGARDI JR., Anselmo Ap. Inauguração do 'Theatro Variedades' completa 98 anos. In: **Diário de Rio Claro**. Rio Claro, 26 fev. 2011, Especial, p. 12.

### Internet:

PIERONI, Mario Castellano. **Sonho de uma noite Primavera: 50 harmônicas num recito de**

**artes no Teatro Variedades.** Disponível em <[http://www.antoniopieroni.com.br/p5\\_noite\\_primaveril.html#cinco](http://www.antoniopieroni.com.br/p5_noite_primaveril.html#cinco)>. Acesso em 07 out. 2015.

TARASANTCHI, Ruth Sprung. **Pintores Paisagistas: São Paulo 1890 a 1920.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado. p. 325. ISBN 85-314-0598-X (Edusp).

**Arquivos consultados:**

Arquivo Público do Estado de São Paulo - Memória Pública.

Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro.

Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba - Ipplap.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 60, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 93, 194, 197, 204, 314, 388, 453  
Apropriações 217, 219, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 424  
Argamassa 103, 393, 395, 396, 407, 409, 410, 411, 412, 415, 465  
Arqueologia Pós Desastre 96, 99  
Arquitetura moderna 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 368, 417, 420, 422, 457  
Arquitetura sensorial 1  
Automação 357, 363, 364, 368, 369  
Avaliação pós-ocupação 290, 292, 293, 301

### B

Bacia de evapotranspiração 357, 365

### C

Capoeira 37, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146  
Concreto 20, 56, 57, 102, 104, 166, 224, 365, 366, 380, 381, 382, 384, 386, 388, 389, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 400, 402, 404, 405, 406, 407, 410, 413, 415, 416, 457, 459, 461, 465, 466  
Construção sustentável 357, 359  
Cultura 2, 4, 5, 6, 8, 11, 13, 15, 16, 30, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 46, 47, 48, 52, 76, 77, 78, 79, 81, 83, 88, 95, 99, 106, 123, 132, 134, 135, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 152, 162, 163, 164, 165, 168, 170, 173, 174, 175, 185, 186, 188, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 216, 219, 223, 229, 230, 241, 242, 254, 286, 381, 422, 437, 448, 452, 457, 460, 468

### D

Desastre ambiental 244  
Documentação 12, 32, 42, 54, 58, 72, 80, 83, 90, 93, 94, 106, 117, 118, 325, 356, 383, 462

### E

Educação patrimonial 92, 93, 151, 159, 192, 199, 200  
Engenharia pública 302, 303, 304, 311, 314  
Espaço de preservação 1  
Espaço público 147, 155, 156, 157, 195, 197, 198, 202, 208, 210, 213, 214, 215, 217, 219, 225, 227, 229, 230, 276, 283, 287, 288, 289  
Expansão urbana 256, 257, 259, 260, 261, 263, 276, 302, 304, 305, 307, 309, 310, 311, 312, 314

### F

Fontes renováveis 370, 371, 373

### H

Habitação 64, 194, 233, 264, 270, 290, 291, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 304, 314, 316, 319, 321, 327, 344, 440, 442, 448, 451, 457, 466, 468

Habitação de interesse social 270, 301, 319, 327

Habitação evolutiva 290

## I

Impacto socioambiental 244

Inventário 59, 63, 79, 80, 83, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 147, 178, 179, 180, 181, 182, 323, 445

## M

Manutenção 42, 51, 149, 151, 154, 183, 204, 206, 209, 213, 215, 236, 239, 247, 280, 285, 298, 329, 341, 347, 349, 350, 351, 352, 380, 381, 382, 386, 388, 390, 391, 429, 452, 455, 459, 484, 490

Matriz energética 370, 371, 372, 373, 374, 375, 377, 378, 379

Meio ambiente 1, 3, 6, 7, 8, 11, 12, 47, 159, 161, 165, 170, 196, 244, 245, 248, 254, 255, 328, 329, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 340, 341, 342, 343, 345, 356, 366, 370, 372, 375, 394, 395, 404, 407, 447, 448, 462, 467, 468

Memória 14, 15, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 42, 46, 47, 54, 58, 70, 72, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 106, 109, 141, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 165, 172, 174, 178, 183, 216, 229, 238, 241, 243, 246, 282, 288, 423

Memória coletiva 34, 38, 42, 46, 147, 148, 151, 152, 155, 156, 158, 165, 174, 183

Mineração 35, 46, 96, 97, 105, 107, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255

Museu 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 30, 43, 65, 81, 82, 106, 154, 169, 170, 185, 186, 192, 193, 196, 197, 200, 409, 480, 490

## P

Paisagem 2, 32, 34, 35, 38, 40, 46, 47, 81, 87, 98, 107, 120, 159, 161, 162, 163, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 187, 188, 190, 196, 197, 198, 199, 201, 220, 222, 244, 245, 246, 247, 250, 252, 255, 279, 280, 284, 285, 288, 289, 424, 437, 453

Parque 1, 5, 8, 9, 10, 11, 17, 43, 44, 45, 122, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 221, 224, 251, 254, 308, 311, 372, 436, 480, 484, 490

Patologias 101, 313, 380

Patrimônio 4, 5, 14, 32, 35, 42, 45, 48, 50, 54, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 94, 95, 96, 100, 105, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 120, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 147, 148, 149, 152, 155, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 184, 187, 188, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 231, 243, 244, 245, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 255, 260, 278, 279, 280, 282, 285, 288, 289, 310, 370, 381, 422, 446, 449, 453, 491

Patrimônio cultural 60, 61, 62, 63, 64, 65, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 90, 95, 96, 100, 105, 134, 135, 136, 140, 141, 145, 152, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 187, 190, 200, 244, 245, 253, 255, 370, 491

Patrimônio histórico 5, 14, 54, 63, 64, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 89, 95, 107, 114, 136, 141, 148, 152, 163, 180, 190, 191, 194, 195, 197, 198, 200, 255, 278, 280

Patrimônio industrial 32, 35, 42, 45, 231

Pintura 10, 19, 85, 108, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 130, 138, 154, 228, 237

Planejamento urbano 120, 275, 278, 289, 321, 439, 440, 441, 443, 444, 470, 472, 487, 488, 491  
Policromia 108, 109, 110, 111, 120  
Pontes 380, 381, 382, 391, 392  
Preservação 1, 2, 3, 8, 12, 32, 42, 46, 48, 50, 51, 59, 63, 64, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 99, 106, 109, 110, 120, 136, 142, 147, 148, 149, 151, 152, 157, 158, 163, 164, 165, 168, 172, 174, 190, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 249, 280, 286, 289, 310, 319, 332, 427, 453, 463, 477, 491

## R

Reconstituição 14, 24, 391  
Regularização fundiária 302, 304, 308, 309, 310, 311, 314, 316, 317, 319, 320, 321, 322, 324, 326, 327  
Resíduos 299, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 353, 354, 355, 356, 393, 394, 395, 396, 404, 405, 406, 407, 408, 414, 415, 452, 453, 465, 467  
Resíduos sólidos urbanos 331, 333, 334, 335, 338, 339, 341, 344, 394

## S

Serviço social 134, 135, 136, 144  
Sustentabilidade 6, 89, 170, 194, 200, 246, 255, 284, 291, 344, 346, 354, 358, 361, 366, 367, 369, 446, 447, 448, 452, 459, 468

## T

Teatros 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 30, 31, 81, 225  
Território 41, 74, 82, 159, 162, 163, 170, 172, 173, 174, 176, 177, 187, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 227, 248, 254, 318, 329, 422, 423, 424, 425, 427, 428, 429, 430, 433, 434, 436, 438, 448, 453, 463, 466, 471, 472, 474, 475, 476, 477, 479, 480, 482, 484, 490

## V

Valorização 4, 42, 48, 49, 87, 93, 95, 113, 145, 148, 156, 164, 175, 187, 190, 191, 195, 197, 199, 283, 308, 458

